

## O PECADO ORIGINAL: uma construção que favoreceu o matrimônio

### ORIGINAL SIN: a construction that favored marriage

Ismael da Silva Nunes<sup>1</sup>

#### RESUMO

No presente trabalho buscaremos analisar o conceito de Pecado Original, construído por Santo Agostinho, pensando o seu impacto sobre a noção de mal e sobre a forma com que os indivíduos se relacionavam com o corpo. A visão pessimista acerca da matéria, que ganhou um eco profundo no pensamento dos primeiros homens da Igreja, projetou um sentimento de aversão ao corpo. A sexualidade foi constantemente atrelada ao pecado, porém sua necessidade era evidente em tempos em que a baixa populacional escancarava o sexo como uma condição sem a qual não haveria vida. Acreditamos que o conceito de Pecado Original colaborou na consolidação da imagem do espaço matrimonial como aquele permitido para as práticas sexuais. Buscaremos fazer estas reflexões ancorados na produção dos padres da Igreja e na historiografia pertinente a temática.

**Palavras-Chave:** Pecado Original. Sexo. Corpo. Casamento.

#### ABSTRACT

In the present work we will try to analyze the concept of Original Sin, constructed by Saint Augustine, thinking about its impact on the notion of evil and on the way in which individuals related to the body. The pessimistic view of matter, which had a profound echo in the thinking of the first men of the Church, projected a feeling of aversion to the body. Sexuality was constantly linked to sin, but its necessity was evident in times when the low population opened up sex as a condition without which there would be no life. We believe that the concept of Original Sin collaborated in consolidating the image of the matrimonial space as the one allowed for sexual practices. We will seek to make these reflections anchored in the production of the Fathers of the Church and in the historiography pertinent to the theme.

**Keywords:** Original Sin. Sex. Body. Marriage.

## INTRODUÇÃO

Pecado, embora seja uma palavra consideravelmente antiga continua arraigado no ocidente cristão. O tempo não foi capaz de demovê-la, pelo menos não significativamente, de seu sentido inicial. A ideia de Pecado Original, como se tratando de uma espécie de mácula legada a toda humanidade, foi arquitetado por pensadores cristãos que, no afã de encontrar respostas à questão do mal no mundo, lançaram mão de tal proposição, de uma falta primordial a nós imposta.

Trata-se de um conceito fundado por Santo Agostinho e que não é, em si, Bíblico (RICOUEUR, 2008), mas que surgiu da análise de inúmeros textos da Bíblia, sobretudo de

---

<sup>1</sup> Licenciado e mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [ismael.nunes@estudante.ufjf.br](mailto:ismael.nunes@estudante.ufjf.br)

autoria de São Paulo. Este último influenciou profundamente a escrita de Agostinho, pelo fato de ambos terem uma história em comum, no sentido da conversão<sup>2</sup>, e, principalmente, pelo impacto dos escritos paulinos na reflexão cristã. Ambos os autores estavam muito preocupados com a temática do mal e, nesse aspecto, eles se encontravam profundamente conectados.

O Pecado Original é fruto, então, das reflexões agostinianas sobre o mal e sua origem, algo que ele buscou explicar de maneira o mais profunda possível. Conceitualmente, Pecado significa “uma transgressão intencional de um mandamento Divino” (ABBAGNANO, 2007, p. 224). O primeiro de todos os pecados é chamado de Pecado Original, pois, como o nome sugere, originou todos os demais. Sua narrativa está ancorada no livro do *Gênesis* que, de maneira ordenada, narra a criação do mundo, dos seres vivos e de todas as coisas que existem.

Como todo mito, o *Genesis* traz a marca de uma linguagem legitimadora (ELIADE, 2004), cujo cerne principal da narrativa gira em torno de um enredo que não precisa de comprovação, por ser alto evidente. Fora de um tempo marcado na história, posto que o próprio tempo é criado a partir da separação das trevas e da luz (Gn. 1: 1), não podemos evocá-lo a partir de uma linha temporal. O nosso objetivo passa a ser, então, entender o discurso dele emanado, juntamente com o impacto causado no subsegmento de sua leitura.

---

<sup>2</sup> Dentro da experiência religiosa do cristianismo era (continua sendo) muito comum o processo de conversão. Isso aconteceu com Paulo de Tarso, que de perseguidor do cristianismo passou a ser perseguido por conta da causa evangélica (cf. Atos 9:19-28) e aconteceu, também, com Santo Agostinho. Converter-se, na lógica cristã, significa uma mudança profunda no modo de ver e experimentar o mundo, por isso Paulo afirma, em diversas vezes, o quanto ele se tornou um homem diferente, “Todavia, o que para mim era lucro, passei a considerar como prejuízo por causa de Cristo (Filipenses 3, 7).” Agostinho experimentou esse movimento interior de ruptura, de mudança de direção e narra este processo no Livro VIII de suas Confissões. Num jardim, o santo atravessou o percurso de conversão, dizia ele que “Para lá me levava o tumulto do meu peito, onde ninguém era capaz de evitar a ardente luta que eu travava comigo e que se prolongaria até se resolver o assunto conforme Vós sabíeis e eu ignorava.” É claro que o Jardim é um lugar simbólico e este dia marcante da conversão é o resultado de um processo longo da luta interior que o santo travava. Agostinho mesmo lamentava “Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos!” Mas o ponto conclusivo é aquele em que o Santo proclama “Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e ardi no desejo da vossa paz.” Essa marca característica do processo formativo do cristão Agostinho confere a sua escrita, também, um tom mais específico. Ele fala do lugar de alguém que vivenciou uma experiência fora do cristianismo e esse aspecto da conversão, evidentemente, marca em profundidade sua pregação.

## MAL E BEM

É de dentro do Genesis que Agostinho<sup>3</sup> localizou o primeiro mal humano. Esta narrativa apresenta, tanto a criação, como dito acima, quanto a condenação da humanidade. Nela, Deus criou todas as coisas e, após isso, estabeleceu o primeiro interdito: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.” (Gn. 2, 16) Adão e Eva desobedeceram às ordens expressas de Deus. A consequência, a punição para o desvio da vontade criadora, era a morte. Não a morte imediata, como uma pena capital por degola ou enforcamento, mas a submissão da vida humana ao tempo.

Conforme lembra Emanuele Coccia (2015) o pecado de Adão e Eva foi um ato de desobediência a vontade de Deus, uma desobediência que trouxe consequências sobre o corpo e sobre a dinâmica da vida. A sentença divina é muito clara

Yave disse então a mulher: “Vou fazer-lhe sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará a luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido e ele a dominará.” Yave disse ao homem: “Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. Você comerá o pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará. (Gn. 3, 16 – 21).

Deus prometeu sofrimento no parto à mulher; ao homem, dores e suor do trabalho. Acostumados a receber do Jardim do Éden todo o sustento que precisavam, numa perfeita harmonia, homem e mulher são jogados na “lida da vida”. Mas a maior das consequências do pecado primevo não foi a dor, nem a fadiga, nem o trabalho, mas a finitude da vida. O pecado da desobediência inseriu a humanidade na dinâmica da vida e da morte, o que passava a pressupor a necessidade do ser humano em compor a ordem da criação, por meio do sexo procriativo. O sexo se constituiu, neste sentido, como condição *sine qua non* da existência e perpetuação da vida humana.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Agostinho passa pela questão do mal em inúmeras de suas obras, muitas das quais iremos citar e trabalhar no decorrer desta escrita. Diretamente, ele aborda a questão conceitual do mal em obras como “o livre arbítrio”, “A Graça de Cristo e o Pecado Original” e “As confissões”

<sup>4</sup> É importante lembrar todas as dificuldades que o Império Romano já vivia desde os séculos 18 a.C a 9 d.C em relação às questões demográficas. A baixa natalidade e altas taxas de infertilidade conduziu a que, neste período, uma série de leis matrimoniais cujo objetivo era, justamente, gerar filhos, para que cidadãos romanos fossem criados. Agostinho acaba ecoando, em sua defesa ao matrimônio, um pouco destas questões práticas da função social do matrimônio, sobretudo no que diz respeito a prole.

Essa temática sexual tomou conta dos principais embates do período conhecido na história da filosofia como patrística.<sup>5</sup> Anteriormente, as correntes heréticas ligadas a *gnose*, como o Maniqueísmo e o Encratismo viam no sexo pró-criativo uma forma de manutenção do aprisionamento da alma ao corpo. Consequentemente eram avessos ao matrimônio, como defendido pelo cristianismo ortodoxo ligado aos preceitos paulinos. São Paulo já havia admoestado os cristãos primitivos acerca do que ele acusava ser uma “doutrina demoníaca”, assim, em sua carta a Timóteo, ele dizia que

O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; **eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos**, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade. (1 Tm 4, 1 – 2, grifo nosso)

Por este motivo que Eusébio de Cesareia descreveu em sua *História Eclesiástica* IV.29.5 que os severianos, uma espécie de braço ou subdivisão do encratismo, embora aceitassem a lei dos profetas e os evangelhos, negavam as cartas de Paulo e os Atos dos Apóstolos.

Embora guardem semelhanças, Maniqueístas e encratistas não são terminantemente semelhantes e, neste sentido, precisam ser analisadas de maneira separada. Porém, existiam neles, em comum, esta estreita ligação com a *Gnose*. A *Gnose* foi uma forma de pensamento que expressou, em profundidade, o sentimento de angústia humana frente a um mundo material marcado pelo mal. Tratava-se de uma forma pessimista de enxergar a existência terrena, por se sentir em um mundo ao qual não se pertencia de fato (REALE, 2005). O homem gnóstico sentia como se provindo de outro mundo devendo a ele, o mais breve possível, retornar. (REALE, 2005)

Embora a *gnose* fosse uma corrente de pensamento presente anteriormente nas crenças pagãs, ao se encontrar com o cristianismo ela proporcionou um ambiente prolífero para a disseminação de novas compreensões sobre os textos bíblicos. Aspectos como o dualismo, o pessimismo e a aversão a matéria se chocaram com os escritos bíblicos, produzindo o que os padres da Igreja polemizaram como heresias.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> É comumente chamado de patrística o estudo da doutrina, as origens, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que heresia será sempre um conceito problemático. O que ele designa? Refere-se, muito mais, à relação estabelecida entre a Igreja e aquele considerado o “outro”, do que a algo, ou grupo específico. Herético, resumidamente, é o “outro”, aquele, ou aquilo que não corresponde a ortodoxia de pensamento cristão.

Dedicaremos maior atenção aqui ao maniqueísmo, visto que Agostinho, além de ter feito parte desse segmento herético, também foi muito influenciado por ele no desenvolvimento do seu pensamento. Inicialmente, foi no maniqueísmo que o santo buscou suas respostas para a questão do mal

o maniqueísmo, como se sabe, foi a grande tentação do jovem Agostinho, na medida em que lhe prometia resolver os problemas que mais atormentavam a sua consciência: a existência do mal no mundo (em todas as suas expressões físicas e morais, passivas e ativa) e o desejo de saber (ROSA, 2001, p. 698)

O próprio Agostinho dizia da força exercida pelo maniqueísmo em sua vida: “Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnavais e loquazes. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio, numa mistura confusa do teu nome com o de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador” (AGOSTINHO, 2002, p. 52).

É comum encontrarmos autores que descrevem o Agostinho maniqueísta como alguém que afirmava o prazer e negava a procriação. Um homem que viveu bons anos junto de companhia feminina, deleitando-se carnalmente, aproveitando o máximo dos prazeres mundanos (CONCEIÇÃO, 2011). Devemos levar em conta, porém, que o processo vivido por Agostinho dentro do próprio maniqueísmo já o conduzia a uma continência sexual, que alcançou seu ponto fulcral após a conversão. Agostinho, enquanto não membro da classe eleita<sup>7</sup> dos maniqueístas, observava a continência sexual o melhor que podia, conforme lembra Brown “Vista desde las alturas del pináculo de su total continencia, la relación puntillosa de Agustín con su concubina no era algo ni mejor ni peor que el matrimonio. Era lo mejor que él podía hacer” (BROWN, 1993, p. 525)<sup>8</sup>. Embora dentro do maniqueísmo o sexo por prazer tivesse uma aceitação evidentemente melhor do que no ciclo cristão, ainda assim, tentar a continência era o caminho mais elevado.

É importante fazermos estas colocações acerca de como foi a estada de Agostinho no maniqueísmo, para não perdermos de vista que, já dentro desta corrente de pensamento, o santo buscava entender o sentido e como o mal se manifestava no mundo. A pergunta que norteou sua entrada no maniqueísmo era “por que praticamos o mal?” (BROWN, 2020) E, naquele

---

<sup>7</sup> Dentro do maniqueísmo havia uma subdivisão de classe. A classe eleita, composta por um grupo privilegiado que vivia uma maior profundidade ascética, se afastando totalmente da carne; e um grupo de ouvintes (ao qual Agostinho pertenceu), que embora devessem vigiar contra os excessos da carne, eram consideravelmente mais livres no exercício da sexualidade.

<sup>8</sup> Tradução livre: Vista das alturas do pináculo de sua total continência, a relação puntillosa de Agustín com sua concubina não era algo nem melhor nem pior que o matrimônio. Foi a melhor coisa que ele poderia fazer.

momento da vida de Agostinho, a seita parecia lhe oferecer uma doutrina de salvação racional e ao mesmo tempo apegada a Jesus Cristo (REALE, 2005).

O maniqueísmo segundo Petter Brown (2020, p. 56) era “uma pequena ceita de reputação sinistra. Eram ilegais e, mais tarde, seriam selvagememente perseguidos.” De fato, veremos, no curso da história da Antiguidade Tardia e do princípio da Sociedade Medieval, o recrudescimento do combate às heresias e, dentre elas, o maniqueísmo.

Fundada por Mani, um persa, no século III, o maniqueísmo, segundo Reale, implicava em três pontos principais “um vivo racionalismo; um marcado materialismo; um dualismo radical na concepção do bem e do mal.” (2005, p. 85) Para os maniqueístas a alma estava dividida em duas, sendo uma luminosa e outra material, corporal. Era desta alma material que surgia o mal, não como uma escolha humana, mas antes como uma imposição.

Esta tese maniqueísta buscava responder a problemática do mal, que muito inquietou os homens do princípio do cristianismo e que perdurou um tempo considerável<sup>9</sup>. Podemos resumir esse problema na seguinte formulação: Um Deus sumamente bom só pode criar coisas igualmente boas, mesmo que em graus variados de bondade. Deus, sumamente bom, criou todas as coisas que existem, logo tudo que ele criou precisa, necessariamente, ser bom. O mal não é bom, logo, ou o mal não existe, ou Deus sumamente bom não existe. Ou seja, posto desta forma, mal e a ideia de um Deus sumamente bom não poderiam coexistir no mundo, segundo a lógica.

O maniqueísmo propôs a solução do problema justamente nesta divisão extremamente dualista entre bem e mal. Haveria dois princípios coexistentes e de igual poder e eternidade, o princípio do bem, ligado a Deus e à luz; o princípio do mal, ligada a uma espécie de demônio e às trevas. (BROWN, 2020) Para eles era impossível conceber que Deus, sendo bom, poderia ter parte no mal. Assim eles projetaram o reino do mal, com igual poder a Deus, que inclinava e influenciava os seres humanos ao pecado. (BROWN, 2020) Nisso se inseria a noção de inocência tanto do Deus sumamente bom quanto dos humanos na existência do pecado. O homem, sem liberdade, era coagido ao pecado.

Agostinho resumia os maniqueístas dizendo que eles acreditavam

Na existência de dois princípios diversos e adversos entre si, mas, ao mesmo tempo, eternos e coeternos [...] e, seguindo outros heréticos antigos, imaginaram duas

---

<sup>9</sup> Esta temática da origem e da existência do mal perdura como um incômodo para muitos filósofos e teólogos até os dias de hoje. A origem desta problemática pode ser localizada nas reflexões da filosofia da Antiguidade Clássica, mas as respostas encontradas de “lá para cá” não conseguiram abastecer os incômodos humanos. Sendo assim, passado Agostinho, o mal ainda se tornou temática para Nicolau de Cusa, Kant, Leibniz, Descartes dentre outros pensadores.

naturezas e substancias, a do bem e a do mal. Segundo seus dogmas, afirmam que essas duas substancias estão em luta e mescladas entre si (REALE, 2005, p. 83)

A definição do santo nos aponta para outro aspecto importante do maniqueísmo, a visão bélica da vida humana. Existiria uma batalha constante entre o bem e o mal. Vencer o mal não é algo que todos estavam em plena capacidade de conseguir, por este motivo o lugar proeminente da classe escolhida na dinâmica da salvação. Aos ouvintes, como era o caso de Agostinho, a relação sexual era permitida desde que se evitando a geração de filhos, contanto nem aí deixando de representar um certo nível de mal. Mas, para a classe escolhida, os de corpos cerrados aos prazeres da carne, a abstinência era consideravelmente mais elevada. (BROWN, 1993) O papel desses eleitos era de intercessores no processo de salvação para todos, inclusive para os ouvintes. (BROWN, 1993) “Sólo la intercesión solemne de criaturas sin sexo, desarraigadas y meticulosamente asociales, como eran los Elegidos, liberariam poco a poco al auditor dejos tráfagos de ese Reino.”<sup>10</sup> (BROWN, 1993, p. 525).

Agostinho, após a conversão ao cristianismo, buscou responder, em diversas circunstâncias as hipóteses do maniqueísmo. Na obra “O livre arbítrio,” por exemplo, ele discordava da tese maniqueísta de que o homem estava condicionado ao pecado e que não teriam uma livre escolha. Para o santo, a causa do pecado estava no abuso da vontade livre e não numa imposição de uma divindade má (AGOSTINHO, 1995). Por isso ele defendia que “não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio.” (AGOSTINHO, 1995, p. 52) Pressupõe-se, em seu pensamento, que existe vontade no homem no momento em que opta pelo mal. *Contra Felicem*, §8 Agostinho afirmava que “Se há penitência, é porque há culpabilidade; se há culpabilidade é porque há vontade, se há vontade no pecado, é porque não é uma natureza que nos obriga.”

A partir desta noção da liberdade humana na ação de pecar, proposta pelo santo ao refletir o conceito de livre-arbítrio, o homem é responsabilizado por seus atos em desacordo com as vontades divina. No entanto, o pecado não é entendido por Agostinho como possuindo uma natureza criada por um Deus mal. “O mal não tem natureza, o mal não é qualquer coisa; o mal não é matéria, não é substância, não é mundo” (RICOEUR, 2008, p. 8). O mal não é, o mal se faz. (RICOEUR, 2008) O mal é uma falta cometida e não um ser criado. Esta é a resposta agostiniana para a questão do mal. A partir do seu contato com o neoplatonismo, especialmente

---

<sup>10</sup> Tradução Livre: Só a solene intercessão de criaturas assexuadas, desenraizadas e meticulosamente antissociais, como os Eleitos, libertariam pouco a pouco o auditor das devastações daquele Reino.



de Plotino, ele apreende o conceito de “não ser” (COELHO, 2013), possibilitando este movimento reflexivo no qual o mal é apresentado como não existente enquanto um *ente*, mas sim como uma ausência, uma falta, uma desarmonia com a vontade criadora (COELHO, 2013). O santo afirmava que

Ora, todo bem procede de Deus. Não há, de fato, realidade alguma que não proceda de Deus. Considera, agora, de onde pode proceder aquele movimento de aversão que nós reconhecemos constituir o pecado — sendo ele movimento defeituoso, e todo defeito vindo do não-ser, não duvides de afirmar, sem hesitação, que ele não procede de Deus. (AGOSTINHO, 1995, p. 143)

Agostinho afirmava categoricamente que o bem procede de Deus, o oposto a isto se desvia dEle. Cabe ao ser humano buscar alinhar a suas escolhas, o seu livre-arbítrio, de acordo com a reta razão, não se deixando desviar as pulsões e paixões das coisas transitórias. (COELHO, 2013) Nisso consiste o mal agostiniano, afastar-se do bem eterno que é Deus e se apaixonar pelos bens temporais e passageiras, “Bens esses, experimentados com o corpo, a parte menos nobre do homem, e que nada têm de seguro.” (AGOSTINHO, 1995, p. 68)

O próprio santo Agostinho narra em suas *confissões* o quanto ele mesmo esteve preso nas coisas materiais e, por muito tempo, se manteve afastado do “Bem Eterno”. Diz com eloquência que “Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem.” (AGOSTINHO, 2002, p. 179)

Esta é a temática do evangelho do filho pródigo (Lc. 15:11–32). O filho mais novo pede ao pai a parte que lhe cabe da sua herança, vai ao mundo, gasta todos os bens com matéria e depois, arrependido, percebe que todas aquelas coisas que antes lhe pareciam tão importantes eram meramente passageiras. Na solidão, o filho retorna ao pai. É o processo de conversão ao qual o próprio Agostinho também passou. O santo experimentou os prazeres da carne, viveu o que o corpo lhe mandava e, por fim, se converteu ao cristianismo.

Aqui damos um passo importante no sentido de entender que o mal e o Pecado Original em Agostinho, não era o sexo em si. A sua reflexão, em muitos sentidos, se mostra menos rigorosa em relação ao sexo do que de outros padres anteriores a ele, como Jerônimo e Ambrósio. O Pecado seria identificado como um ato em desarmonia com a vontade criadora. O sexo representa sim uma manifestação das consequências deste mal, expressa na desobediência corpórea das vontades humanas, porém não é essencialmente o Pecado Original.



## SEXO E O MAL

O sexo, tanto para o maniqueísmo quanto para o cristianismo, representava uma manifestação do mal, uma expressão do pecado. Porém, com diferentes significados entre um e outro. Na visão dualista maniqueísta o homem deveria se afastar, o máximo que conseguisse, da materialidade, de tudo ligado a carne e ao corpo. O sexo corroborava que as forças terríveis das trevas sobrepujassem a luz. (BROWN, 2020) Neste sentido, mesmo que dentro de um espaço legitimado, como no caso do matrimônio, o sexo, para os maniqueístas, permanecia sendo um mal.

A relação do maniqueísmo com o corpo era de profunda rejeição. Para que a alma luminosa chegasse a prevalecer no homem era preciso cumprir os “Três selos”: “abstenção de alimentar-se de carne e de manter conversas impuras (*signaculum oris*); abstenção da propriedade e do trabalho (*signaculum nianus*); abster-se do casamento e do concubinato (*sig)iaculum sinus*).” (ABBAGNANO, 2007, p. 641) Assim, a ascese maniqueísta passava pela rejeição do sexo pró-criativo e pela aceitação da volúpia por prazer, como um mal menor, posto que a união carnal com o objetivo de gerar filhos contribuiria para que mais almas luminosas fossem aprisionadas ao corpo (ABBAGNANO, 2007). “Para ellos, lo mismo que para los encratitas, no podía existir nada semejante a una sexualidad inocente: una sexualidad cuyo uso quedara convalidado por sus funciones sociales dentro del matrimonio.”<sup>11</sup> (BROWN, 1993, p. 525) Por este motivo, a volúpia por prazer é tida como mal menor, não deixando, no entanto, de ser mal.

Diametralmente oposto a este discurso maniqueísta, os padres da igreja lutaram no objetivo da composição de uma ortodoxia que defendia o matrimônio como espaço permitido das relações sexuais. Agostinho defendia que

**o matrimônio entre o homem e a mulher é um bem**, tão encarecido e recomendado pela Sagrada Escritura, que nem à mulher repudiada pelo marido lhe é lícito unir-se a outro, em vida do marido; nem ao marido repudiado pela mulher lhe é lícito tomar outra até a morte da mulher que o abandonou (AGOSTINHO, 2007, Cap. 3, § 3, grifo nosso).

Para ele, existiam bens no matrimônio que, inclusive, estavam para além da procriação, inscritos nos três bens fundamentais da fidelidade, sacramento e prole. (AGOSTINHO, 2007)

---

<sup>11</sup>Tradução livre: Para eles, como para os encratitas, não poderia haver uma sexualidade inocente: uma sexualidade cujo uso era validado por suas funções sociais dentro do casamento.

Agostinho ajudou a formular a doutrina moral em relação ao sexo que a Igreja adotaria como soberana no medievo. Trata-se da produção de um espaço onde o sexo estava ordenado e contido dentro de sua funcionalidade dentro da sociedade.

O pecado de Adão e Eva projetou sobre o corpo a mesma desobediência que os primeiros humanos tiveram para com Deus. Agostinho acreditava que o homem do paraíso controlava com plenitude seu corpo e que somente após o pecado ele perdeu esta capacidade (BROWN, 2009). Paulo, ao refletir sobre a lei e a preceituação, dizia como é difícil ao homem conter seu corpo: “Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto” (Rm. 7: 15 -24). O apóstolo demonstra sua infelicidade em estar num “corpo de morte”, fragilizado pelas pulsões carnis. O corpo, após o Pecado Original, passou a dominar o homem por meio das pulsões sexuais. Agostinho aborda incisivamente esta temática em suas “confissões”, revelando a sua própria incapacidade de fazer seu corpo o obedecer (AGOSTINHO, 2002).

O casamento cristão, para além de seu papel pró-criativo, contribuía também para acalmar esta desobediência corpórea. Agostinho afirmava que “O ato conjugal em ordem à geração não é pecado; para acalmar a concupiscência em virtude da fidelidade conjugal e sempre com o cônjuge, não passava de pecado venial” (AGOSTINHO, 2007, Cap. 6, § 6). Embora permaneça, nesta afirmação do santo, a mácula de ser um pecado, a prática sexual por prazer, para “acalmar a concupiscência”, desde que ocorrida dentro do matrimônio, é reduzida e considerada puramente um pecado venial, por este motivo, muito mais brando.

Paulo de Tarso já afirmava, anteriormente, algo nesta mesma perspectiva. Ao defender que “é bom que o homem não se case. Mas em vista da imoralidade sexual, cada homem deve ter a sua própria esposa, e cada mulher o seu próprio marido” (1 Cor. 7: 2) o apóstolo entende que o casamento, ao estabelecer um espaço ordenado para prática sexual, colabora no combate a imoralidade das pulsões corporais, uma vez que nem todos os cristãos estavam aptos a seguir o celibato e a vida virginal, por isso ele dizia que “Digo isto a vocês como uma permissão e não como uma ordem. Gostaria que todas as pessoas fossem como eu, mas cada pessoa tem a capacidade que Deus lhe deu. Uma vive de um modo e outra, de outro.” (1 Cor. 7: 6).

Agostinho acreditava que tanto o homem, quanto a mulher, viviam marcados pela insubmissão corpórea e este era o sintoma do Pecado Original, (BROWN, 2009) uma fraqueza moral sexual. Para Brown, nesta forma de pensamento do santo, na qual “Todos levam em seu

corpo insubmisso o sintoma fatal da queda de Adão e Eva” (BROWN, 2009, p. 281) a misógina visão cristã parece abrandada no pensamento agostiniano. Segundo o historiador “Agostinho acha evidente que os homens são tão profundamente passíveis de fraqueza moral sexual quanto as mulheres” (BROWN, 2009, p. 281) e que, por este motivo, a ideia de mulher como tentadora e sedutora estaria deslocada. Embora, de fato, Agostinho reconhecesse que, tanto o homem como a mulher estavam sujeitos à desordem e desobediência corpórea, em nossa compreensão, ele permanece afirmando a maior debilidade feminina. Nos Bens do Matrimônio ele afirmava que

A mulher precisa de muitas defesas, porque é maior a sua fraqueza. A mulher se ruboriza de seu marido, e tu não te envergonhas diante de Cristo? Tu és mais livre porque és mais forte, e podes vencer mais facilmente, por isso estás confiado a ti mesmo. Sobre ela pesam a vigilância do marido, o medo das leis, os costumes morais e o pudor; e sobre ti Deus, somente Deus (AGOSTINHO, 2007, p. 41)

Mesmo se tratando das questões ligadas a esta imagem da mulher como tentadora e ardilosa, Agostinho permanece afirmando que “aquele homem único foi arrastado ao pecado pela mulher que dele fora feita antes do pecado” (AGOSTINHO, 2017, p. 1187). Ou seja, o santo evoca a imagem arquetípica de Eva como aquela que tenta e conduz Adão ao pecado.

O próprio Peter Brown afirmou, outrora, o quanto que a “exegese de Agostinho validou a dominação dos homens sobre as mulheres e o domínio do pai sobre os filhos como parte da ordem divina originária.” (BROWN, 1990. p. 329). Esta estrutura hierárquica e patriarcal, representada perfeitamente pelo matrimônio se legitimava por meio da imagem arquetipicamente construída da mulher sedutora, ardilosa, porém, mais frágil que o homem.

No seguimento da história medieval esta estrutura matrimonial de submissão feminina se mostrou cada vez mais evidente e a associação da mulher à sexualidade pecaminosa cresceu nos escritos dos padres da Igreja. Atanásio narrou a vida de santo Antão dando um enfoque especial as suas tentações, a mulher apareceu como uma forma utilizada pelo diabo para tentar o santo eremita (ATANASIO, 2010). Isidoro de Sevilha (1962) as chamou de *mollitie*, que pode ser entendido como fraqueza, moleza, flexível reforçando o princípio de superioridade moral masculina. Séculos à frente Antônio de Pádua ecoaria o mesmo princípio ao dizer “A mulher, em latim mulier, de mollities, moleza, é figura da alma pecadora” (ANTÔNIO, 2019, p. 970).

O matrimônio, como espaço permitido para as práticas sexuais, encontrou eco na noção de Pecado Original. Não perdemos de vista que ele é anterior ao conceito de Pecado Original, mas, sem dúvida, tal conceito produziu impactos na significação e no lugar da união entre

homem e mulher, conforme buscamos mostrar ao longo deste breve artigo. Seja, conforme lembrava Paulo, “em vista da imoralidade sexual”, seja em função dos três bens principais do matrimônio “fidelidade, sacramento e prole”, ou ainda, para conter a desordem e desobediência do corpo, sintoma do Pecado Original, o matrimônio se tornou uma instituição ao longo do medievo, forte, poderosa e ordenadora da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não buscamos, nas linhas curtas que escrevemos, defender que o Pecado Original, enquanto um conceito, tenha surgido puramente para fundamentar o matrimônio. É claro que outras tantas questões, sobretudo relacionadas à própria presença do mal moral no mundo, tornaram possível o seu surgimento. Acreditamos e defendemos, porém, que o conceito de Pecado Original, entendido como uma desarmonia e uma desobediência primeva a divindade criadora, colaborou com o matrimônio no sentido de se entender este local, que processualmente no medievo se transformou numa importante instituição da sociedade, como aquele espaço onde o sexo poderia acontecer de maneira lícita.

Além disso, como a desobediência do pecado projetou sobre o corpo humano a desarmonia das pulsões sexuais, a vida conjugal, para aqueles que não eram capazes de lutar contra seus desejos, se transformou numa alternativa, inferior à vida virginal e celibatária, mas digna e livre da mácula do pecado. Como vimos, embora o sexo por prazer, mesmo no espaço matrimonial, fosse visto como um pecado, ao fim e ao cabo, era tolerado como mal menor, pecado venial que não afastava o marido e a mulher do céu, nem tão pouco condenava à morte.

Assim, o discurso dos padres da Igreja, na busca da consolidação de um espaço canônico para as experiências sexuais, colaborou para o matrimônio. No seguimento dos séculos do milênio medieval, o desenho desta instituição, que nos anos finais do medievo já se consolidaria como fundamental no ordenamento social, se tornaria cada vez mais ritualizado e submetido às mãos do poder espiritual da Igreja. Casar-se tornou-se, pouco a pouco, um sacramento e uma instituição ordenada da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fonte. 2007. p. 224.
- AGOSTINHO Santo. **Cidade de Deus**. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, São Paulo. 2017.
- AGOSTINHO Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002. p. 52.
- AGOSTINHO Santo. **Dos bens do matrimônio**: A santa virgindade; Dos bens da viuvez: carta a Proba e a Juliana. São Paulo: Paulus, 2007.
- AGOSTINHO Santo. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ANTÔNIO, Santo. **Sermões**. Tradução de Ary E. Pintarelli, OFM. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 970
- ATANASIO, Santo. Vida de Santo Antão. Mosteiro da Virgem, Petrópolis-RJ [2010?]
- BROWN, P. A Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (org.). **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BROWN, P. **EL CUERPO Y LA SOCIEDAD**: Los hombres, las mujeres y la renuncia sexual en el cristianismo primitivo. Barcelona: Muchnik Editores AS, 1993. p. 525.
- BROWN, P. **Santo Agostinho**: uma biografia. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2020.
- COCCIA, Emanuele. "INOBEDIENTIA" O PECADO DE ADÃO E A ANTROPOLOGIA JUDAICA CRISTÃ. **Revista signum**, v. 16, n. 2. 2015
- COELHO, Cleber Duarte. A nulidade ontológica do mal em agostinho. **Seara filosófica**. n. 6, 2013, p.13-20
- CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique. Prazer e castidade em santo Agostinho. **Educere et Educare** – Revista de Educação, v. 6, n. 11, 2011.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004
- ISIDORE OF SEVILLE, St. St. **Isidore Hispalensis Episcopi**, Etymologiarum sive Originum libri xx. Ed. W. M. Lindsay. Madrid: PAC, v. II, 1962, XI. ii. 17-19, p. 23
- REALE, Giovanni. **História da filosofia**: patristica e escolástica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

RICOEUR, Paul. **O Pecado Original**: Estudo de Significação. Tradução de José M.S. Rosa. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008

ROSA, José Maria Silva. Da cisão extrema, no maniqueísmo, a identidade como relação, em confissões x. *In*: **ATAS DO CONGRESSO NACIONAL: AS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO 1600 ANOS DEPOIS, PRESENÇAS E ATUALIDADES**. Universidade Católica Editora Lisboa, 2001